

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO TRATAMENTO DE PESSOAS COM HIV: COMBATENDO O MEDO E O PRECONCEITO

¹ Vitor Ribeiro Araújo; ² Ellen Mara Fernandes da Silva; ² Mayara da Cruz Silveira; ² Ryan Ferreira Cajaiba; ² Tamyres Cristine da Silva Mafra; ³ Greice Nara Viana dos Santos

¹Acadêmico do 6º semestre do curso de enfermagem; Universidade do Estado do Pará: vitor.araujo@aluno.uepa.br; ²Acadêmicos do 6º semestre do curso de enfermagem; Universidade do Estado do Pará; ³Enfermeira Obstétrica, formada pela Universidade do Estado do Amazonas.

O HIV é uma sigla em inglês para o vírus da imunodeficiência humana, um retrovírus que ataca as células de defesa do organismo, mais especificamente o linfócito T CD4+, na qual age se infiltrando na célula e mudando seu DNA para se multiplicar e romper a célula hospedeira. É transmissível através do ato sexual ou compartilhamento de agulhas contaminadas, podendo ocasionar a síndrome da imunodeficiência humana (AIDS). Não existe cura, porém, é disponibilizado no SUS o tratamento com antirretrovirais que inibe multiplicação do vírus, evitando a supressão do sistema imunológico, podendo ser associado a outros medicamentos para combater co-infecções. Segundo dados do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI), os casos de AIDS notificados nos últimos cinco anos totalizam mais de 150 mil diagnósticos. Com óbitos por causa básica AIDS que somam mais de 44 mil notificados entre 2017 e 2020. A maior representatividade social da doença se expressa em populações-chave com maior notificação em indivíduos homens, homossexuais, pardos, entre a faixa etária de 15 a 24 anos e com ensino médio completo (DCCI). A infecção pelo vírus HIV e a ocorrência da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) geram impactos multidimensionais na medida em que afetam as representações sociais ligadas a doença. Por ser uma enfermidade multifacetada e ter como característica a dinamicidade, a concentração de casos, anteriormente vista, em grupos de homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis passa a apresentar mudanças no cenário epidemiológico, demonstrando a vulnerabilidade da população. (BEZERRA, 2018). Embora se tenha grandes avanços e conquistas relacionadas a tratamento, prevenção e conscientização, a interpretação da realidade vivenciada pelo indivíduo portador está envolta em um forte estigma social, preconceito e discriminação. A ambiguidade de sentimentos se torna presente principalmente quando relacionada a impossibilidade de cura, o impacto causado pelo diagnóstico, a adesão e continuidade do tratamento, o medo da morte, solidão e medo da exclusão (GOMES, 2021). Diante dos desafios que a epidemia de AIDS trouxe para as questões de saúde pública, o cuidado dos profissionais da saúde mediante a doença passou a exigir uma nova reflexão acerca do modelo de atenção. A assistência adquire um caráter preventivo e adequa-se para lidar com questões mais íntimas como: os modos de interação, as crenças, os valores pessoais e as condições socioeconômicas em favor de um acolhimento que seja integral, humano e efetivo (BRASIL, 2006). Diante disso, o objetivo desse resumo é identificar a atuação do profissional de enfermagem frente ao acolhimento de indivíduos portadores de HIV/AIDS e o seu papel no combate aos estigmas sociais que permeiam a problemática. O presente resumo trata-se de uma revisão de literatura efetuada em livros e com produções publicadas nos anos de 2012 a 2021. A busca efetuou-se a partir da utilização dos descritores: papel do enfermeiro frente o HIV, HIV, preconceito e medo, AIDS e assistência de enfermagem nas bases de dados: Lilacs, Scielo, Google Acadêmico e site do Ministério da Saúde. Foram analisados e incluídos 5 artigos brasileiros considerados pertinentes ao tema escolhido. Embora se tenha grandes avanços e conquistas relacionadas a tratamento, prevenção e conscientização, a interpretação da realidade vivenciada pelo indivíduo portador está envolta em um forte estigma social, preconceito e discriminação. A ambiguidade de sentimentos se torna presente principalmente quando relacionada a impossibilidade de cura, o

impacto causado pelo diagnóstico, a adesão e continuidade do tratamento, o medo da morte, solidão e medo da exclusão afetam negativamente o desempenho no tratamento do paciente, pois muitos preferem esconder a sua condição de saúde por vergonha e medo (GOMES, 2021). Sendo assim, o acolhimento é um processo no qual o profissional enfermeiro adota no atendimento de pessoas com HIV, possibilitando um ambiente afetivo e propenso a criação de vínculos entre o paciente e o profissional. Dessa forma, facilita a identificação dos problemas e a elaboração de cuidados e intervenções com um plano de cuidado sistematizado, com isso passando uma confiança maior para o paciente acerca do processo, além de ajudar na identificação da necessidade de um possível acompanhamento psicológico. Outra forma do enfermeiro atuar é através da inclusão desses pacientes, estimulando um tratamento igualitário, humanizado e livres de preconceitos e com promoção de educação em saúde e orientações para a família e comunidade sobre o combate ao preconceito e ao medo do HIV (FERNANDES, 2015). Por fim, torna-se claro a importância da assistência em enfermagem no combate ao medo e preconceito vivenciados por pacientes em tratamento de HIV. Dessa forma, nota-se que a atuação do enfermeiro não se limita somente na identificação e acompanhamento no tratamento do HIV por meio da prática metodológica assistencial, mas sim como componente essencial no acolhimento e adesão da metodologia terapêutica. Foi possível identificar que os estigmas frente a doença são as principais barreiras à busca inicial por tratamento. Sendo assim, fica evidente a necessidade de práticas educacionais que incluam tópicos como: sexualidade, prevenção, vulnerabilidade, e doenças sexualmente transmissíveis como práticas permanentes de educação em saúde.

Palavras-chave: Papel do Enfermeiro; HIV; medo; preconceito

Referências:

BEZERRA, Elys Oliveira et al. **Análise estrutural das representações sociais sobre a aids entre pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana**. Texto contexto – enferm. v. 27, n.2. 2018. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Atenção Básica. **HIV/Aids, hepatites e outras DST**. Caderno de Atenção Básica. Série A, n. 18, ed. 1. Brasília, 2016. Disponível em: < <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcad18.pdf> > Acesso em: 23 de outubro de 2022.

FERNANDES, Igor Alexandre et. Al. **Orientação a pessoa vivendo com HIV: O papel do enfermeiro na adesão ao tratamento e no desenvolvimento da prática do autocuidado**. Revista Fafibe On-Line, Bebedouro SP, 8 (1): 359-370, 2015. Disponível em: <<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/36/30102015190552.pdf>>

GOMES, Marcia Oliveira et. al. **A vivência do preconceito após a revelação da soropositividade para o hiv**. Revista Rede Saúde. V. 15, n.1. 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1282399>> Acesso em: 23 de outubro de 2022.

O que é HIV. Secretaria de Estado da Saúde do Espírito santo (SESA). Vitória, ES. Disponível em: < <https://saude.es.gov.br/o-que-e-hiv> >. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

SANTOS, Matheus Ferreira. **Da prevenção ao diagnóstico: HIV/AIDS o impacto aos cuidados de enfermagem ao grupo de vulnerabilidade LGBTQIAP+**. Monografia, Trabalho de conclusão de Curso. Faculdade AGES, Campus Lagarto. 2022. Disponível em: < <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/25363> >. Acesso em: 23 de outubro de 2022